

Os surdos na televisão: análise dos imaginários sociodiscursivos veiculados em reportagens do *Jornal Visual*¹

*Ivan Vasconcelos Figueiredo*²

-
- 1 Trabalho apresentado como comunicação individual no IV Encontro Mineiro de Análise do Discurso, evento realizado entre os dias 25 e 27 de maio de 2011 na Universidade Federal de São João del-Rei.
 - 2 Doutorando em Estudos Linguísticos pela UFMG. Mestre em Letras pela UFSJ. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFV. Integrante do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) / UFMG e do grupo de pesquisa Jornalismo e Estudos Culturais/UFSJ. ivanfigueiredo@gmail.com

Resumo

O artigo analisa os imaginários sociodiscursivos da surdez em reportagens do *Jornal Visual*, tendo como quadro teórico-metodológico a associação entre os estudos televisuais e a teoria semiolinguística a partir da grade de análise de imagens móveis proposta por Mendes (2010). Em um primeiro movimento, o programa jornalístico da emissora pública TV Brasil se apresenta como ambiente propício para a aceitação das diferenças e da cultura surda. Porém, ao apropriar os discursos majoritários dados em outros telejornais por meio da tradução para a Língua Brasileira de Sinais, o *Jornal Visual* silencia a existência da cultura surda e reitera práticas de marginalização do sujeito surdo.

Palavras-chave

imaginários sociodiscursivos; surdez; telejornalismo.

Abstract

This paper analyses the socio-discursive imaginaries of deafness in news published in the *Jornal Visual*. The theoretical e methodological frame associate the television studies and Semiolinguistic Theory, from the grid proposed by Mendes (2010), which allows the analysis of moving images. At first, the news program of TV Brasil (public broadcaster) presents itself as an environment conducive to the acceptance of differences and the deaf culture. However, when the majority discourses broadcasted by other newscasts are translated to Brazilian Sign Language, the *Jornal Visual* mutes the deaf culture existence, reinforcing marginalization's practices of the deaf subject.

Keywords

socio-discursive imaginaries; deafness; telejournalism.

Introdução

O estudo pretende analisar os imaginários sociodiscursivos da surdez veiculados pelo *Jornal Visual*, da emissora pública TV Brasil, em uma perspectiva que alia a análise do discurso aos estudos televisuais para investigar os saberes que circulam socialmente sobre a temática em situações comunicativas dadas no *corpus* composto de reportagens no período de 7 a 28 de março de 2011.

O quadro teórico-metodológico é fundamentado na grade de análise de imagens móveis proposta por Emília Mendes (2010), em uma aproximação da teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2007) às proposições de Jean-Claude Soulages (2008) sobre os instrumentos de investigação do televisual, à concepção de imagem de Jacques Aumont (1993) e às considerações de Luciano Guimarães (2004) acerca das cores, entre outros autores.

Criado em 1990 pela TV Educativa do Rio de Janeiro e apropriado pela programação da TV Brasil em 2007, o telejornal é o primeiro e único programa em âmbito nacional da rede aberta de transmissão televisiva a traduzir informações a um público de surdos por meio de intérprete em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O *Jornal Visual* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 7h50 às 8 horas, apresentando conteúdos de outros noticiários da emissora pública, além de exibir quadros temáticos fixos: Notícias do Mundo, Internet e Tecnologia, Notícias Paraolímpicas, Ensinando Libras e Notícias do Esporte. A abrangência pelo sinal aberto se estende aos estados de São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Maranhão. Pela TV por assinatura, a disponibilidade ocorre em todas as operadoras.

Em outubro de 2010, o telejornal inaugurou novo formato, modificando a estrutura de apresentação das notícias e reportagens, substituindo a vinheta, cenário, cores de fundo e modo de enquadramento dos apresentadores. A intérprete deixou o quadro de tradução para assumir a centralidade da cena

enunciativa ao lado de um narrador em Português oral durante as narrativas sem o aporte visual das informações televisivas.

Quadro teórico-metodológico

A presente pesquisa considera, com base em Charaudeau (2007), que os imaginários sociodiscursivos são modos de apreensão do mundo que nascem dentro do mecanismo das representações sociais, construindo a simbolização do real através da ordem afetivo-racional atravessada pela intersubjetividade das relações humanas e se depositando na memória coletiva.

Na perspectiva de Charaudeau, os imaginários podem ser qualificados como "sociais" no momento em que a atividade de simbolização do mundo acontece no domínio da prática social, seja nas dimensões artística, política, jurídica, religiosa, educativa, midiática, entre outras. A denominação "sociodiscursivos" é dada na medida em que se "cria a hipótese de que seu sintoma é a fala" (CHARAUDEAU, 2007, p. 53), isto é, resultam da atividade de representação que constrói universos de pensamento, laços de instituição de verdades, sedimentação de discursos narrativos e argumentativos que propõem uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos.

Os imaginários sociodiscursivos são construídos a partir de sistemas de pensar coerentes, por meio de tipos de saber que são investidos: de *pathos* (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si) e de *logos* (o saber como argumento racional).

Assim, os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, que se organizam em sistemas de pensamento coerentemente criados de valores, representam o papel de justificativa da ação social e se depositam na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2007, p. 54: tradução nossa).

Os imaginários só podem ser apreendidos por meio do discurso, dado nas situações de comunicação em que as representações se refletem no dizer. A fundamentação desses discursos, na visão de Charaudeau, ocorre em saberes (de conhecimento e de crença) que circulam socialmente e são utilizados para a criação de argumentos.

Por um lado, os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade (existente fora da subjetividade do sujeito) acerca dos fenômenos do mundo, sendo vinculado ao “saber científico” e “saber de experiência” (que constrói conhecimento do mundo sem garantia de comprovação). Por outro, os saberes de crença trazem uma descrição ou explicação centrada no mundo, independentemente do ponto de vista do sujeito, não sendo verificável. Essa dimensão está associada à revelação, um suposto laço de verdade exterior ao sujeito que não pode ser provado nem verificado, e à opinião, que nasce do processo de avaliação do sujeito que se engaja no julgamento sobre os fatos do mundo. Sem a preocupação de fixar uma relação de falso e verdadeiro, certo e errado, os imaginários sociodiscursivos trazem visões de mundo sobre um assunto específico dado em uma situação comunicativa.

No caso da televisão, os imaginários sociodiscursivos estão presentes também nos elementos não-verbais que constituem o discurso televisual. De acordo com Soulages (2008), os sentidos são dados pela imagem cinética, onde três dispositivos constituem o regime de performatividade da representação televisual, atuando como as visadas discursivas na noção de Charaudeau (2004):

- Ficção: cria um mundo verossímil através de técnicas herdadas do cinema, onde o quadro-cena pretende provocar processos de identificação-projeção do universo reconstituído no espectador.
- Mostração: através do recurso de quadro-percurso, enunciados da realidade são veiculados para dar a impressão de não haver uma mediação explícita. O efeito gerado garante, ao telespectador, uma conexão com o mundo fenomenal restituído em sua verdade.

- Espetáculo: oposto à transparência dos dispositivos de midiatização, o dispositivo procura, por meio do quadro-janela, abolir imaginariamente a cisão entre o universo espectral e o televisivo, tendo como finalidade a atração.

Com a aproximação dos estudos televisuais à Análise do Discurso, Soulages (2008) afirma que a mídia televisiva ampliou o espectro da imagem cinética, determinando a formatação do olhar do telespectador, em um processo de "cinessintaxe" desse olhar relacionados às formas de expressão e ativados pelo enquadramento.

Cada programa vai basear-se em procedimentos e formas de expressão, elaborando o ethos expressivo da performance em questão, suscetíveis de atualizar 'fatores de ativação' junto a comunidades de públicos diversos (tal cenário, iluminação, estilo de filmagem etc.) (SOULAGES, 2008, p. 263).

Segundo Soulages (2008), os programas televisivos repousam sobre uma performance do telespectador como integrante de uma comunidade pública. A televisão alia duas performances midiático-discursivas: (i) a fusão da ação e linguagem; (ii) publicização. A primeira entende que a emissão de televisão é uma cerimônia-acontecimento imersa dentro de uma grade de programação "com suas visadas, seu enquadramento genérico, seu formato, seu limite e seu processo de interação-consumo" (SOULAGES, 2008, p. 258). A segunda performance dá visibilidade ao discurso que toca o telespectador na posição de membro do público e também de ator social e cultural, sendo estas atravessadas pelas visadas de influência da TV.

Os efeitos visados pela instância midiática de produção são construídos dentro dos dispositivos (ficção, mostra e espetáculo), os quais se fundamentam em estratos, caracterizados como:

- a) Estrato plástico-sonoro: constitui a matéria viva da estética do fluxo televisual. São as cores, formas, texturas, luzes e superfícies aliadas às texturas musicais (tonalidade, ritmo). De acordo com Guimarães (2004), a cor funciona como um código a ser interpretado culturalmente, onde os sentidos são apreendidos de forma diferenciada de acordo com os grupos, lugar, regiões e situações comunicativas.
- b) Estrato icônico: reagrupa elementos do cenário, o ambiente e os modos como os sujeitos filmados aparecem (figurino, posturas).
- c) Estrato escópico: coloca em jogo a proximidade ou distância entre os protagonistas da cena.
- d) Estrato cinético: dinâmica das tomadas de câmera (movimentos, efeitos de fragmentação da imagem, duração dos planos, transições, efeitos de câmera lento-rápida e tonalidade do programa).
- e) Estrato marcado pela distribuição de diferentes tipos de quadros: formas de expressão (quadro-afresco, cena, percurso, janela) sustentam as diferentes atitudes ou posturas espectatoriais.
- f) Estrato narrativo/identitário: remete ao estatuto dos sujeitos filmados, identidade de gênero, social, midiática (testemunha, ator, especialista, anônimo), colocando em jogo regimes de credibilidade divergentes.
- g) Estrato comunicacional: está associado a papéis e comportamentos reforçados pelos protagonistas de cada performance.
- h) Estrato verbal: registros de língua, prosódia.

Na concepção de Soulages (2008), esses diferentes fatores de ativação operam como elementos que permitem o telespectador discriminar e classificar os programas, abrindo espaço também para impressões de sentidos – ocasionadas pelos estratos plásticos, cinéticos, comunicacionais – assim como para efeitos de sentido – gerados pelos estratos icônicos, escópicos, verbais.

Para aliar a perspectiva de análise das imagens móveis ao quadro teórico-metodológico da semiolinguística, Mendes (2010) considera ser possível pensar as imagens televisuais em três dimensões que permitam investigar a situação de comunicação: “situacional”, “técnica da imagem móvel” e “discursiva”. A primeira permite identificar os sujeitos da linguagem, os gêneros e estatutos do enunciado imagético, assim como os efeitos visados. A partir da dimensão técnica da imagem móvel, podem ser levantados os estratos plástico-sonoro, icônico, escópico, cinético, os tipos de quadros e narrativo/identitário. Esses elementos carregam sentidos que contribuem para compreender a dimensão discursiva da imagem, a qual parte da identificação do modo narrativo para caracterizar os imaginários sociodiscursivos, bem como as categorias etóticas (imagens que o orador projeta de si) e patêmicas (efeitos visados).

Análise do corpus

No *corpus* selecionado do *Jornal Visual*, das 16 edições presentes no período proposto, 55 notícias e reportagens foram exibidas, sendo apenas duas destas relacionadas à surdez e outras cinco relacionadas à acessibilidade de cadeirantes e pessoas com Síndrome de Down.

A primeira nota seca (informação dada sem imagens ilustrativas) foi veiculada no dia 15 de março de 2011 e trata da abertura de vagas para gestores de recursos humanos e representantes de empresas em um curso oferecidos por uma escola de surdos, visando o entendimento da cultura surda e a capacitação destes profissionais para lidarem com surdos no ambiente de trabalho.

Na dimensão situacional, o *Jornal Visual* apresenta instância produtora compósita, onde o *Eu* comunicante é marcado pela emissora, governo brasileiro e o telejornal, os quais são direcionados a um *Tu* interpretante formado por consumidores de informações. No plano da enunciação, o *Eu* enunciador é composto pelo gênero telejornalístico e procura dialogar com *Tu* destinatários projetados de telespectadores surdos. Enquanto gênero jornalístico, o *Jornal*

Visual possui estatuto factual com finalidade de gerar efeitos de real, de transparência e veracidade na abordagem dos fatos.

Como visto, a dimensão técnica da imagem móvel carrega imaginários sociodiscursivos que se inter-relacionam com os saberes advindos dos elementos verbais. Em plano americano, onde o protagonista é enquadrado do rosto à cintura, dois apresentadores compõem a tela. À esquerda, o intérprete em Libras e, à direita, o apresentador (narrador em Português oral), validando as identidades de tradutor e jornalista que asseguram os regimes de credibilidade do telejornal. Vide figura 1.



Figura 1: intérprete em Libras e narrador em Português Oral noticiam abertura de inscrições para curso que ensina como representantes de empresas devem lidar com surdos no ambiente de trabalho.

O estrato plástico sonoro carrega sentidos que compõem a ambientação do cenário de estúdio de telejornal (estrato icônico), visando a identificação do telespectador com o programa e o gênero ao qual se filia. Com luz direta de estúdio, o fundo mescla, predominantemente, cores azuis e verdes para não saturar o olhar do público e facilitar a visualização dos apresentadores. Enquanto o narrador em Português oral veste camisa azul escuro e paletó marrom, trazendo dados que situam o telespectador na formalidade e imparcialidade exigidos para um telejornal, o intérprete veste camisa de manga curta e cor bege para facilitar a visualização dos enunciados em Libras.

Guimarães (2004) explica que as cores trazem informações por meio de aspectos biofísicos, linguísticos e culturais. Entendidas pelo autor como frias, as tonalidades azuis e verdes ocupam uma posição intermediária no espectro luminoso que não sobrecarrega o olho, permitindo uma apreciação da cena televisual por longo período. Mais do que percepções de uma onda, as cores são construções no cérebro, as quais carregam traços de valorações culturais que podem influenciar na leitura destas. O fundo azulado também está presente nos principais telejornais brasileiros como o *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, *Jornal da Record* e *Jornal do SBT*.

A composição do cenário do *Jornal Visual* é mostrada ao telespectador por meio do estrato escópico, o qual se utiliza de um dos padrões de enquadramento utilizado pelos telejornais: o plano americano, no qual os apresentadores próximos à cena enunciativa são filmados da altura do rosto à cintura. Tal dimensão ganha estrutura pelo estrato cinético que possui câmera fixa no intérprete e narrador para privilegiar as longas durações narrativas e permitir a comunicação espaço-visual.

Por meio do recurso do quadro-janela, são abrigadas as interações comunicativas e expressivas dos protagonistas que são identificados enquanto “homem intérprete” e “homem jornalista”.

Os sentidos trazidos pela dimensão técnica da imagem móvel marcam, assim, o discurso icônico. Com aporte no modo de organização narrativo, o *Jornal Visual* traz o *ethos* prévio do gênero telejornal com valorações de isenção, imparcialidade, legitimidade e compromisso com a “verdade”, projetando imagens de *Tu* destinatário de telespectadores surdos e não-surdos que estejam interessados no consumo de informações sobre a surdez. O programa veicula ainda categorias patêmicas que podem levar a sentidos de um mundo capaz de se adaptar às diferenças da cultura surda.

Apoiados em saberes de conhecimento e de crença, os imaginários sociodiscursivos do telejornal carregam sentidos emergidos pelos estratos:

seriedade, a partir da ambientação da cena enunciativa nos moldes de um telejornal e das cores azuis e verdes de fundo do estúdio que remetem a um programa de gênero informativo da televisão; acessibilidade, pela aparição de um intérprete de Libras no vídeo; e conciliação das diferenças, com a narrativa telejornalística dada em Português Oral e língua de sinais, além de intérprete e narrador jornalista ocuparem a centralidade da imagem móvel para proferirem discursos.

No plano verbal, reconstrói saberes de conhecimento para tornar informação credível e resgata saberes de crença que reconhecem existência da cultura surda e da Libras como canal propício para comunicação com surdos o programa da TV Brasil.

Em São Paulo, uma escola para crianças surdas 'Rio Branco' criou a primeira oficina de surdez e acessibilidade. A iniciativa é voltada para profissionais de recursos humanos, gestores de empresas e interessados em conhecer a cultura surda e a língua brasileira de sinais, Libras. A oficina vai tratar da inclusão no mercado de trabalho e servir como orientação para representantes das empresas na hora de contratarem surdos. Quem quiser mais informações, pode ligar para 11, código de área de São Paulo, 4613-8480 (*JORNAL VISUAL*, 2011a).

Diante do exposto, os imaginários sociodiscursivos advindos dos elementos verbais e das imagens cinéticas dialogam em torno da aceitação da cultura surda. Na situação comunicativa investigada, o programa parte de saberes de conhecimento do campo científico, nos quais o governo brasileiro, por meio de leis que se pautam por discursos advindos da Academia, reconhece a Libras como língua natural dos surdos, determina a oferecimento de acessibilidade e a reserva de vagas para profissionais 'com deficiência'. Tais posicionamentos tendem a estabelecer 'verdades' sobre este fenômeno de mundo: a surdez é uma diferença e a inclusão deve ser garantida. Por outro lado, o discurso verbal baseia-se em saberes de crença de opinião coletiva, sendo possível, através destes, o grupo "telejornal acessível" falar a outro de "telespectadores surdos

e não-surdos”, acreditando na integração como um processo onde a maioria ouvinte adapta-se a uma minoria comunicativa de surdos.

Durante a segunda reportagem do *Jornal Visual*, exibida dia 16 de março de 2011, a estrutura de nota seca permanece para informar sobre abertura das inscrições para intérpretes e instrutores de Libras participarem de exame de certificação.

As condições da dimensão situacional do telejornal prosseguem sem alterações para o primeiro caso apontado neste estudo, tendo a instância produtora compósita com o *Eu* comunicante marcado pela emissora, governo brasileiro e o telejornal, que são direcionados a um *Tu* interpretante formado por consumidores de informações. Na enunciação, o *Eu* enunciador é formado pelo gênero telejornalístico e dialoga com *Tu* destinatários projetados de telespectadores surdos. O estatuto do gênero jornalístico é factual, visando efeitos de real.

A dimensão técnica da imagem móvel pode ser percebida pela figura 2 a seguir. No estrato plástico sonoro, continua o fundo em cores azul e verde para criação de sentidos de seriedade do telejornal e destaque para os apresentadores. À esquerda, a mulher intérprete utilizada camisa de manga curta cor creme e, à direita, o narrador em Português Oral veste camisa vermelha, a qual remete a sentidos culturalmente partilhados de atenção. Tal formatação dialoga com o estrato icônico marcado pelo cenário de estúdio do programa.



Figura 2: intérprete em Libras e narrador em Português Oral informam sobre exame de proficiência em Libras.

Posicionados lado a lado na cena enunciativa, os apresentadores são enquadrados em plano americano para facilitar a compreensão das mensagens dentro do estrato escópico. Por meio do estrato cinético, intérprete e narrador são filmados com câmera fixa, sem movimentos, privilegiando a comunicação espaço-visual. A presença dos apresentadores no vídeo reitera os regimes de verdade do gênero telejornal através do jornalista e tradutora. O recurso de quadro-janela, assim como na primeira nota seca analisada, permanece para favorecer as interações verbais.

A dimensão discursiva da imagem possui modo de organização narrativo, acompanhado da construção do *ethos* prévio do gênero telejornal, criando sentidos de isenção, imparcialidade, compromisso com a “verdade” e projetando também imagens de *Tu* destinatários de telespectadores surdos e não-surdos que desejam o consumo de informações sobre a cultura surda e acessibilidade. A categoria patêmica evocada pelas imagens cinéticas é dada pela surdez enquanto diferença a ser aceita por não-surdos.

As imagens móveis trazem, portanto, imaginários sociodiscursivos de seriedade, respaldados no *ethos* prévio do telejornal, assim como no cenário, enquadramento e cores de fundo do programa; acessibilidade, pelos estratos narrativo/identitário que localizam intérprete em Libras e narrador em Português oral; e a possibilidade de conciliação das diferenças, marcada pelo enquadramento concomitante dos apresentadores na mesma cena enunciativa.

Através do discurso verbal, o *Jornal Visual* narra:

Educação. Já estão abertas as inscrições para os exames de certificação de proficiência em língua brasileira de sinais. O Prolibras, um programa do Ministério da Educação que reconhece, de forma legal, intérpretes e instrutores de libras. As inscrições podem ser feitas até o dia 31 de março pelo site www.prolibras.ufsc.br (JORNAL VISUAL, 2011b).

O governo brasileiro, por meio do telejornal da emissora pública, reconhece a existência da cultura surda e da Libras, trazendo imaginários sociodiscursivos marcados por saberes de conhecimento do campo da educação e da legislação. Além disso, evoca saberes de crença de opinião coletiva, produzidos por um grupo que busca incentivar a inclusão para outro de não-surdos, afirmando que os ouvintes podem aprender a comunicar eficientemente com surdos. Esses imaginários advindos do verbal são articulados com os emergidos pelas imagens móveis, reforçando os sentidos de veracidade do discurso proferido por um telejornal acessível para surdos.

Considerações finais

Conforme exposto, a partir dos referenciais dados pelos elementos verbais e não-verbais do discurso televisual, é possível investigar como são reconstruídos os saberes de mundo pelos telejornais.

Com base nas reflexões de Skliar (2005), entende-se que o problema com relação à surdez está justamente no modo como são formadas as representações sociais, em como os sujeitos se apoiam na teia discursiva para construir visões e concepções. Assim, antes de ser uma questão biológica, social ou política, a surdez é um campo discursivo que se apresenta enquanto território intermediário onde são confrontados imaginários sociodiscursivos que, segundo Charaudeau, são nascidos dentro do mecanismo das representações sociais, construindo a simbolização do real através da ordem afetivo-racional atravessada pela intersubjetividade das relações humanas e se depositando na memória coletiva.

Tais imaginários sociodiscursivos são apreendidos pelos discursos, os quais se fundamentam em saberes que circulam socialmente e são utilizados para a criação de argumentos. Os dizeres sobre a surdez carregam conhecimentos, valores e crenças que não podem ter as origens facilmente mapeadas e localizadas em "modelos sobre a surdez", como o campo da antropologia,

medicina e educação. O que se crê e se nomeia sobre a surdez flutua por entre significações históricas, linguísticas, políticas e sociais.

Dentro do processo de veiculação de saberes sobre a surdez, a televisão possui papel relevante, especialmente, os programas jornalísticos por mediatizarem, selecionarem e filtrarem o conhecimento das realidades que os indivíduos podem, por vezes, não conhecer. Além disso, os telejornais apresentam às pessoas interpretações de acontecimentos, as quais podem ser tomadas como referenciais para construções de noções de mundo, servindo de base para aprendizado e (re) significação da experiência cotidiana.

Desse modo, a veiculação de notícias e reportagens em Libras permite, aos surdos, conhecerem aspectos da realidade da qual fazem parte. O telejornal em língua de sinais assume o papel parcial de integração do surdo à sociedade que se comunica majoritariamente por meio do português oral e restringe a participação daqueles que não se utilizam da língua oral-auditiva para estabelecerem relações comunicacionais, sociais e culturais.

Cabe ressaltar que a Libras é reconhecida pelo governo brasileiro e por correntes teóricas da academia como o modo mais propício para o desenvolvimento psicolinguístico dos surdos, assim como para a comunicação. A partir desta língua, são desenvolvidas percepções e vivências distintas das previstas para os ouvintes.

A oferta de notícias características de uma sociedade "oralizada" para um público de surdos abre espaço para um embate cultural, no qual perspectivas, valores, crenças e visões de mundo são confrontados. O *Jornal Visual* constrói imaginários sociodiscursivos a respeito da surdez ao associar saberes de conhecimento e de crença nas reportagens, fortalecendo a visada informativa dos enunciados telejornalísticos ao associar imagens móveis e elementos verbais para validar os discursos difundidos.

Em um primeiro movimento, o telejornal se apresenta como ambiente propício para a promoção das diferenças culturais ao tratar da temática

surda e veicular o conteúdo na língua natural dos surdos. Nas duas situações comunicativas analisadas, os imaginários sociodiscursivos emergidos circulam entre a surdez como diferença reconhecida em lei; a necessidade dos não-surdos conhecerem e interagirem com a cultura surda; a possibilidade de conciliação entre culturas surda e não-surda; a acessibilidade possível por meio do esforço dos não-surdos. No entanto, a pouca presença de notícias e reportagens sobre a surdez e a ausência de narrativas sobre a experiência vivida por surdos no cotidiano silenciam a dinâmica presente na cultura surda, a qual não é abordada em sua integralidade. Esse apagamento discursivo resgata e reflete socialmente as práticas e comportamentos acerca da surdez.

Em segunda instância, reitera imaginários que circulam socialmente por meio do reaproveitamento de conteúdos exibidos em outros programas da emissora, sem a preocupação de demarcar posições de resistência aos discursos majoritários que nomeiam a surdez enquanto doença e problema a serem tratados, corrigidos, educados ou superados.

Considera-se que, enquanto campo discursivo, a mídia é essencial ao processo deliberativo e ao combate às injustiças sociais, às formas de opressão e marginalização de certos grupos sociais e culturais, como os surdos.

Referências

AUMONT, J. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

CHARAUDEAU, P. *A televisão e o 11 de setembro*: alguns efeitos do imaginário. Disponível em: <www.patrick-charaudeau.com/A-televisao-e-o-11-de-Setembro.html>. Acesso em: 9 nov. 2010.

CHARAUDEAU, P. "Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaries, c'est mieux". In: BOYER, Henri. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discourse. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007, p. 49-63.

CHARAUDEAU, P. "Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual". In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/Fale-UFMG, 2004.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação*: a construção biofísica, linguística e cultura da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2004.

JORNAL VISUAL. Rio de Janeiro: TV Brasil, 15 mar. 2011a. Programa de TV.

JORNAL VISUAL. Rio de Janeiro: TV Brasil, 16 mar. 2011b. Programa de TV.

MENDES, E. *Grade de análise de imagens*. Belo Horizonte: 2010. Mimeo.

MENDES, E. "Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero". In: LARA, G. P. et alli. (orgs.). *Análises do Discurso Hoje*, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2008, p. 199-200.

SKLIAR, C. (org.). *A surdez*: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOULAGES, J. "Instrumentos de análise do discurso nos estudos televisuais". In: LARA, G. M.P. et alli. *Análises do Discurso Hoje*, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2008, p. 254-277.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.